

A morte do exilado brasileiro Nilton da Silva pela ultradireita chilena em junho de 1973 e suas apropriações políticas pelo Movimiento de Izquierda Revolucionaria

MAURÍCIO MARQUES BRUM¹

Exilado por razões políticas em Santiago do Chile desde 1971, o brasileiro Nilton Rosa da Silva seria assassinado quando ainda vivia na capital chilena, em junho de 1973. Com um histórico de militância no movimento estudantil gaúcho, tendo integrado a direção da União Gaúcha dos Estudantes Secundaristas (UGES), no biênio 1967/68² – época em que cursava o “científico” no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, em Porto Alegre –, Nilton da Silva também tomaria parte nas mobilizações políticas levadas a cabo do outro lado da cordilheira. Matriculado no curso de Castelhana do Instituto Pedagógico da Universidade do Chile, o jovem brasileiro passou a integrar as fileiras da Frente de Estudiantes Revolucionarios (FER), um dos braços universitários mantido pelo Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR).

Foi precisamente por sua filiação política que Nilton da Silva se viu em uma manifestação política no dia em que sua vida foi ceifada. Em 15 de junho de 1973, uma sexta-feira, trabalhadores grevistas da mina de El Teniente marcharam sobre Santiago, a fim de exigir reajustes salariais e outros benefícios. Tal protesto que ganhou ares de passeata contra o governo, à medida em que os mineiros passaram a contar com o apoio dos principais partidos de oposição – o Partido Demócrata Cristão (PDC) e o Partido Nacional (PDC) – ao socialista Salvador Allende, que presidia o país desde o final de 1970 e vivia agora o momento mais grave da crise econômica e política que culminaria com sua derrubada no golpe liderado por Pinochet. Contra a marcha de El Teniente e da oposição, os partidos da Unidade Popular (UP), a coalizão governista, convocaram uma manifestação em defesa de Allende, a qual contou também com a participação de militantes ligados ao MIR.

Ainda que o MIR tivesse críticas ao modo de ação do governo de Salvador Allende – considerando-o demasiadamente “lento” e refutando suas tentativas de diálogo com os “partidos burgueses” – o movimento jamais se constituiu como um efetivo opositor da

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista CNPq.

² Lisbôa (2010, p. 287).

UP. Ao contrário, até o final do governo o MIR procuraria atuar no sentido de se aproximar dos setores mais radicalizados ligados à Unidade Popular, como aqueles que vinham ganhando força no interior do Partido Socialista (PS): sem ser uma oposição antagônica, o MIR e outros grupos que defendiam a necessidade de acelerar o processo e negociar menos com os setores conservadores exibiam sua contrariedade à atuação do governo com o objetivo de dar contornos mais “nítidos” ao projeto revolucionário do governo, cuja aplicação prática ainda consideravam “reformista”.³

Deste modo, aparecia como necessidade fundamental para uma organização como o MIR angariar simpatias dentro da UP, a fim de viabilizar a sua tese, segundo a qual o caminho revolucionário armado acabaria por se mostrar inevitável, fazendo-se necessário organizar as esquerdas em torno de tal ideia. A morte de Nilton Rosa da Silva acontece nesse contexto, quando o MIR toma parte numa manifestação a favor do governo de Salvador Allende, ao mesmo tempo em que busca convencer setores da Unidade Popular – já que o próprio mirismo não integrava oficialmente a UP – a rever o sentido de sua atuação. Naquele 15 de junho, a manifestação opositora contou com apoio armado da Frente Nacionalista Patria y Libertad (FNPL), grupo paramilitar de extrema-direita que buscava a derrubada de Allende, e não tardou para que as diferentes marchas entrassem em um conflito que deixou pelo menos uma centena de feridos e um morto – o brasileiro Nilton da Silva. Neste breve trabalho, pretendo demonstrar a maneira como o jovem exilado, estudante do Instituto Pedagógico e militante da FER, foi apropriado nos discursos do mirismo, que procurou incluí-lo em uma narrativa heroica que servisse à causa da organização, no seu intento de aproximar-se a determinados setores da UP e difundir sua tática e estratégia entre grupos ligados diretamente ao governo – uma tentativa de aproximação que incluía o Partido Comunista Chileno (PCCh), certamente a sigla da Unidade Popular que mais frontalmente se opôs a qualquer acordo com o MIR.

Nesse cenário, falar em Nilton e relacioná-lo a uma narrativa mais ampla sobre a luta do MIR e dos partidos da UP já não era tanto falar em Nilton, e sim fazer com que as militâncias encontrassem nele um exemplo, alguém com quem se identificar, para compreender a posição sustentada pelo mirismo de combater ferreamente e sem diálogo a oposição de Allende. Para isso, como o secretário-geral Miguel Enríquez e outros líderes

³ Aggio (2002, p. 37).

do movimento reiterariam, era necessário pegar em armas – vista a violência que a direita conservadora estava disposta a empregar, exemplificada de forma tão clara pelo assassinato de Nilton –, assim como a urgência de aproximar as várias correntes da esquerda em torno do objetivo de radicalizar o processo que se estava vivendo, criando finalmente um “poder popular” capaz de superar qualquer investida reacionária. Como assinala Osvaldo Torres em sua investigação sobre a atuação do MIR chileno e dos Tupamaros uruguaios:

Los partidos u organizaciones políticas también desarrollan sus identidades de acuerdo a quienes pretenden representar, de manera que sean un soporte para el llamado a la acción. La identidad de los partidos políticos es una cuestión crucial, pues define el cómo se ven a sí mismos, cómo buscan ser vistos por la ciudadanía según el programa y métodos que proponen y con quiénes buscan identificarse para obtener esa representación. Esta tríada es dinámica, pues siendo la política una actividad contingente, tanto porque los resultados no dependen exclusivamente de uno de los actores como porque la sociedad está en permanente cambio, demanda de los dirigentes una actualización identitaria sin abandonar los propósitos colectivamente compartidos. Los factores constitutivos de la identidad partidaria son varios, y cobran distinto valor de acuerdo al período político y la experiencia: están los muertos y los héroes, las leyendas sobre algunos militantes, las luchas, los métodos de acción y las formas particulares de militar de cada organización; en definitiva, las vivencias y las formas de procesarlas según la estructura de pensamiento que los constituye.⁴

De fato, Nilton da Silva não era o primeiro militante relacionado de alguma forma ao MIR a morrer – por violência ou acidente – desde o início do governo Allende. No entanto, o único a gerar uma comoção semelhante, inclusive por parte dos partidos governistas que publicamente tentavam manter certa distância em relação ao mirismo, havia sido Luciano Cruz, um dos principais líderes da organização e um nome muito mais reconhecido do que Nilton Rosa da Silva, um estudante até então quase anônimo nas fileiras da organização, já que membro apenas de um de seus braços estudantis e sem qualquer posição hierárquica de peso.

Os funerais de Nilton e de Cruz guardam várias similaridades, efetivamente: ambos os cortejos foram multitudinários e reuniram militantes de todos os partidos da UP – no caso de Luciano Cruz, o próprio Salvador Allende compareceu às exéquias –, embora nos dois episódios o Partido Comunista tenha se mostrado reticente em se somar de forma

⁴ Torres (2012, p. 40. Grifo nosso).

incondicional ao luto da esquerda. Em 1971, quando da morte de Cruz, Miguel Enríquez denunciou: após um acordo para velar o corpo do mirista na sede da CUT Provincial, as lideranças ligadas ao comunismo teriam se negado a ceder o espaço, considerando que Luciano Cruz não passava de um “líder estudantil” e oferecendo lugares menos significativos também pertencentes à central sindical. O prédio só foi aberto graças a dirigentes da CUT filiados ao Partido Socialista, que assumiram a responsabilidade pela decisão, gerando descontentamento no PCCh⁵. Em 1973, novamente os atritos com os comunistas seriam percebidos, e a revista mirista *Punto Final* lamentaria: “las banderas de los partidos de la Izquierda, con la lamentable excepción de las del Partido Comunista, se inclinaron oficialmente al paso del féretro del revolucionario caído”.⁶

Mas, nos dois casos, o MIR, por meio dos discursos de suas lideranças e dos textos publicados em seus veículos de imprensa, insistiu num tom que pregava a aproximação com o comunismo – se isso não fosse possível através da cúpula, que se tentasse alcançar por meio de uma boa relação com os militantes “comuns”, aqueles sem posição de liderança. Se os dirigentes do PCCh seguiam distantes, os militantes do partido compareceram aos dois funerais, e em 1973 o mirismo procuraria aproveitar essa situação para insistir na possibilidade de um acordo entre as diversas frentes políticas de esquerda. A busca por aproximação já havia sido denotada no funeral de Luciano Cruz. Ao comentar a tentativa de líderes comunistas de barrar o funeral na sede da CUT, Miguel Enríquez procurou adotar uma postura conciliatória:

*Estamos seguros que los militantes del Partido Comunista comparten con nosotros el criterio de que la unidad de toda la izquierda para hacer avanzar este difícil proceso y para enfrentar el enemigo fundamental es decisiva. Sabemos que nos acompañan en el dolor ante la muerte de un revolucionario y estamos ciertos que no piensan como se expresaron ayer algunos de sus dirigentes.*⁷

Em 1973, ante a decisão dos comunistas de não decretar luto oficial pela morte de Nilton, novamente o MIR abraçou um discurso que apontava na direção de um acordo entre as partes, voltado à militância do principal partido que resistia a dialogar com o mirismo. Desta vez, inclusive, pelo agravamento das tensões sociais e a gravidade

⁵ Enríquez (1972, p. 15).

⁶ Santa Cruz (1973, p. 8-9).

⁷ Enríquez (1971, p. 15).

crecente do temor por um golpe, essa aproximação da esquerda era encarada pelo MIR como fundamental para qualquer vitória futura. No texto sobre o assassinato do brasileiro publicado pela *Punto Final*, a revista onde o MIR sempre costumava expor mais detalhadamente seu pensamento político e suas estratégias de ação, o tom marcado dois anos antes por Enríquez reaparecia:

*La incomprensible actitud de los dirigentes del PC, sin embargo, no fue compartida por sus bases y los obreros comunistas se confundieron con los obreros del MIR y del resto de la Izquierda chilena, para expresar el dolor de un pueblo que vio caer a un hijo, nacido en otra tierra, pero incorporado a él en duras jornadas de lucha.*⁸

Há, contudo, uma grande diferença entre as reações à época da morte de Cruz e à do momento em que Nilton da Silva foi assassinado. Como apontamos anteriormente, o funeral de Nilton recebeu um tipo de resposta que, antes, só havia sido destinado a uma liderança partidária muito conhecida. Essa distinção, insistimos, residia sobretudo nas mudanças que os dois anos entre uma morte e outra haviam provocado no que diz respeito ao cenário político e às crises sociais e econômicas vividas pelos chilenos, agravadas rapidamente desde 1971 até 1973, sem trégua até o golpe de 11 de setembro. Se com Cruz a solidariedade tinha muito a ver com o fato de se tratar de um personagem público que ocupava um papel de dirigente, com Nilton a comoção observada não se originava de nenhuma dessas situações. A participação das militâncias não-miristas no funeral de Nilton, contrariamente ao de Cruz, dava-se menos pela própria pessoa que havia morrido do que pela luta política que então se travava – respondia-se, quando da morte do brasileiro, não apenas ao assassinato, mas à relação dele com o momento de crise política sentido por todos. Percebe-se, assim, de maneira bastante tangível, que uma manifestação multitudinária e aparentemente “espontânea” – já que contando com a participação de membros da UP, sem qualquer obrigação efetiva para com o MIR – na realidade respondia a uma série de articulações que os movimentos de esquerda tentavam realizar naquele momento, e que encontraram na morte de Nilton da Silva, no surgimento de um “militante heroico” que morreu na defesa do governo, o catalisador para ganhar as ruas em 17 de junho de 1973, o domingo em que o brasileiro foi sepultado.

⁸ Santa Cruz (1973, p. 9).

Considerando-se as posições oficiais dos partidos, em particular as posturas adotadas repetidamente pelo Partido Comunista, bem como o discurso que procurou excluir o MIR da narrativa da esquerda após o golpe, é possível considerar a presença de milhares de militantes da UP no funeral de Nilton da Silva como um ato meramente “espontâneo”, sem planejamento, e decorrente tão-somente do choque com a violência empregada pela oposição. Mas isso ignora as intenções que uma participação dessas implicava em termos de se manifestar a favor de um acordo comum que fizesse a esquerda chegar a um acordo tático, e a importância que essa participação trazia em si num momento em que, acima do nível dos militantes, não se firmava efetivamente concordância alguma. Mesmo que a solidariedade possa em muitos casos ter se dado por conta simplesmente da violência do crime, não está fora de questão que essa solidariedade, para muitos ali presentes, também se relacionava com a vontade de alcançar relativa unidade para se opor ao golpismo, tantas vezes buscada, e que as muitas discordâncias de discurso e de prática estavam retardando (e assim seguiriam fazendo até o momento do golpe). Neste caso, evidentemente, a manifestação de solidariedade de um militante da UP em relação a um indivíduo identificado com o MIR podia também representar um posicionamento político muito claro: uma tendência à tese da revolução armada e à necessidade de se organizar para derrotar às investidas reacionárias.

Enquanto da parte do Partido Comunista essa busca por aproximação partia sobretudo diretamente dos militantes, já que a tese oficial do PCCh era a do gradualismo e do diálogo com a oposição, no MIR tal tentativa constituía a política oficial da organização, tentando atrair tantos militantes da UP quanto possível para a tática que tentava promover. As críticas que as lideranças miristas não poupavam ao “reformismo” que julgavam estar representado no PCCh eram sempre direcionadas aos líderes deste partido, sendo clementes com os militantes, como num reconhecimento respeitoso – e sensato – de que, sem os comunistas, uma articulação ampla da esquerda era simplesmente impossível. De fato, se bastasse reunir apenas as outras facções governistas em torno de certas posições comuns, o MIR teria chegado muito mais perto do que realmente esteve de tal acordo, dada a grande aproximação que se registrou entre o mirismo e o PS, o MAPU (Movimiento de Acción Popular Unitaria) e a IC (Izquierda Cristiana) nos momentos finais do governo Allende. Essa tentativa de atingir as outras militâncias, enfim, reflete-se na própria construção heroica de Nilton da Silva, que não se

restringe a símbolos miristas. Em seu discurso no funeral de 17 de junho de 1973, Miguel Enríquez coloca o nome do brasileiro ao lado de outros militantes mortos do movimento, é verdade, mas também o adiciona num panteão de outras lutas pluripartidárias – algumas delas muito anteriores ou alheias ao MIR – bastante caras a toda a esquerda chilena: “El nombre de Nilton Da Silva se suma al de los mártires de Santa María, La Coruña, San Gregorio, Ranquil, Dos de Abril, Pampa Irigoyen y tantos otros”.⁹

Enríquez, assim, alocava o militante morto num nível acima, externo ao próprio mirismo, irmanando-o com outras narrativas da luta da esquerda e da repressão violenta sofrida em diferentes momentos do passado, alinhando-o junto a histórias que eram sempre recordadas por socialistas e comunistas – pela UP em geral. “Santa María”, por exemplo, fazia referência ao massacre de operários da indústria do salitre ocorrido na Escola Santa María de Iquique, em dezembro de 1907. Na ocasião, milhares de trabalhadores – muitos deles peruanos e bolivianos, oriundos das regiões desérticas anexadas pelo Chile após a Guerra do Pacífico (1879-1883) –, reclamando por melhores condições de emprego e vida, organizaram uma greve geral e partiram para a cidade portuária de Iquique. Concentrados na escola à espera de uma negociação com as autoridades, foram violentamente reprimidos por forças militares, com um saldo de mais de 2 mil mortos. Essa busca por relacionar o sacrifício de Nilton da Silva durante uma marcha de apoio ao governo de Salvador Allende com outras vítimas de lutas esquerdistas, não diretamente ligadas ao MIR, também aparece nas páginas da *Punto Final*. Eduardo Santa Cruz, autor da matéria sobre a morte de Nilton, procura ligar o assassinato – pelas mãos do Patria y Libertad – com o de um militante comunista morto pouco tempo antes, em abril de 1973, por membros do Partido Democrata Cristão: “[Nilton] salió a las calles al llamado de la clase obrera y el pueblo y allí, en una emboscada artera y criminal, cayó asesinado, por las mismas balas que un tiempo atrás mataron al obrero comunista Ricardo Ahumada”.¹⁰

Aproveitando a condição de estrangeiro exilado de Nilton e a solidariedade internacional despertada pelo crime, bem como parte da produção poética do brasileiro, o MIR também procurou posicionar o estudante do Instituto Pedagógico dentro de um

⁹ Enríquez. “Discurso en el funeral de Nilton Da Silva (17 de junio de 1973)”. In: Farías (2000, p. 4715).

¹⁰ Santa Cruz (1973, p. 8).

discurso internacionalista, comparando sua luta àquela de outros movimentos revolucionários latino-americanos com os quais a organização se identificava. Na *Punto Final*, além do texto sobre a morte e o funeral de Nilton, também foi impresso um poema escrito pelo brasileiro enquanto vivia no Chile. Os versos elaborados por Nilton e incluídos na edição da revista foram retirados do livro *Hombre América*, que ele havia publicado no primeiro semestre de 1972 em uma edição mimeografada na faculdade, pouco tempo depois de se filiar ao MIR. O que aparecia na revista era possivelmente o texto mais relacionado ao discurso da luta continental entre os nove que compunham o livro: tratava-se do “Poema V”, cujos versos relacionavam a luta contra a ditadura deixada para trás no Brasil com aquela levada a cabo no restante da América. Já nas estrofes finais, Nilton havia escrito: “El mañana de américa es un solo.../ en el mañana tendremos en américa,/ un gigante despierto,/ un gigante que cubrirá de alegría y calor,/ a los explotados de este continente”.¹¹

Ao escolher esses versos, a *Punto Final* deliberadamente oferecia um argumento a mais para colocar Nilton Rosa da Silva como o “combatiente internacionalista” que procurava construir. A revista diz: “Como lo expresara en su poesía, [Nilton] entendió que su patria no era sólo Brasil, sino que su patria era más amplia, era la patria de los explotados”.¹² No mesmo texto assinado Santa Cruz, surgem outros elementos que associam o sacrifício de Nilton à ampla luta promovida pela esquerda latino-americana. Sob o entretítulo sugestivamente denominado “Por el camino del Che”, lê-se nas páginas da *Punto Final* a comparação da atuação militante do brasileiro com a de outros nomes muito mais afamados na lista de heróis revolucionários através da América Latina:

*Con esto, la Revolución Brasileña, como la Revolución Chilena y, más aún, la Revolución Continental perdió un combatiente. Los oprimidos de América, tiene hoy un nuevo punto de referencia en su larga marcha hacia el Socialismo. En esta larga marcha en que cayeron los hermanos Peredo, Yon Soza, Turcios Lima, Elmo Catalán, Camilo Torres, los mártires de Trelew, Luciano Cruz, Carlos Marighela [sic], Carlos Lamarca y el Guerrillero Heroico, Ernesto Che Guevara; en fin, miles de combatientes que asumieron su condición de revolucionarios internacionalistas con todas sus consecuencias y dieron a su existencia un significado superior.*¹³

¹¹ Silva (1972, s.p.).

¹² Santa Cruz (1973, p. 8).

¹³ Santa Cruz (1973, p. 8).

Em seguida, embaixo de um entretítulo que reforça a ideia da luta continental (“Dolor de un pueblo y de un continente”), o texto de Eduardo Santa Cruz avança listando as organizações de outras nacionalidades que enviaram suas condolências pela morte de Nilton da Silva e conclui que essas manifestações: “demostraron que los pueblos de toda América también sienten como suyo el asesinato de Nilton Da Silva”.¹⁴ A apropriação do brasileiro morto como um novo símbolo das muitas lutas da esquerda chilena e latino-americana se completará com as várias menções ao seu nome nos discursos das lideranças miristas, tanto no funeral quanto em pronunciamentos realizados nos dias que se seguiram àquele domingo. Já no enterro, Miguel Enríquez havia destacado: “Miembro del MIR y militante de la revolución latinoamericana, [Nilton] fue acribillado cuando sin más armas que sus puños combatía junto a los trabajadores las bandas patronales que asolan periódicamente las calles de Santiago”.¹⁵ Além disso, “sin haber nacido en este país, derramó su sangre por la clase obrera, los pobres y los oprimidos de Chile”.¹⁶

Mas essas lutas que a morte de Nilton simbolizava deveriam avançar preferencialmente seguindo o entendimento que o MIR tinha para enfrentar o golpismo e a violência dos opositores do governo Allende – uma leitura do contexto que sempre foi exposta nos discursos em que Nilton foi alguma vez mencionado. Durante o funeral, Enríquez havia comentado significativamente: “No existe mayor homenaje a la muerte de un revolucionario que extender e impulsar las ideas por las que ofrendó su vida”.¹⁷ A morte de Nilton da Silva, insiste Enríquez, e a grande resposta que havia provocado, não podia se encerrar na comoção do dia: deveria ser um ponto de partida “de una contraofensiva revolucionaria y popular que aplaste en definitiva la agresión patronal, que termine con los intentos de colaboración de clases y que permita dar un gran salto revolucionario hacia adelante”.¹⁸ Tratava-se, assim, de unir a esquerda, mas num tom distante daquele que desejavam os setores conciliadores da UP: terminar com os intentos de colaboração de classe implicava reconhecer que a oposição promover um golpe já era uma possibilidade inescapável, que qualquer negociação com esses grupos seria infrutífera, de modo que o processo deveria ser radicalizado. Ao mesmo tempo em que

¹⁴ Santa Cruz (1973, p. 9).

¹⁵ Enríquez. “Discurso en el funeral de Nilton Da Silva (17 de junio de 1973)”. In: Farías (2000, p. 4712).

¹⁶ Enríquez. “Discurso en el funeral de Nilton Da Silva (17 de junio de 1973)”. In: Farías (2000, p. 4712).

¹⁷ Enríquez. “Discurso en el funeral de Nilton Da Silva (17 de junio de 1973)”. In: Farías (2000, p. 4713).

¹⁸ Enríquez. “Discurso en el funeral de Nilton Da Silva (17 de junio de 1973)”. In: Farías (2000, p. 4713).

pregava a aproximação do mirismo com os partidos governistas – contando com a participação de milhares de militantes da UP –, o secretário-geral do MIR também acabava expondo o tipo de argumento que provocava tanta resistência nos setores que ele chamava de “reformistas”, notavelmente as lideranças do PCCh. Enríquez, em suma, opunha-se a qualquer concessão aos setores opositores, alegando que a busca por uma concordância sobre o rumo a seguir deveria ocorrer dentro da esquerda, e não com os “partidos burgueses”:

Las recientes jornadas obreras y estudiantiles en Santiago y el sacrificio de nuestro compañero Da Silva han evidenciado cuánta es la fuerza que aún conserva el pueblo y su enorme capacidad de lucha. A pesar de ello, algunos se tientan por buscar salidas políticas, que marcadas por el sello de la conciliación y la concesión, por no respetar los intereses de la clase obrera y el pueblo, por no estar apoyadas en una poderosa movilización de masas, están inevitablemente condenadas al fracaso.¹⁹

No funeral de Luciano Cruz, em 1971, muito embora a fala de Enríquez tenha exposto algo do pensamento político do MIR, uma parcela importante de seu discurso destinou-se a falar da vida e da atuação pessoais do dirigente morto. No caso de Nilton, em certa medida pelo fato de o brasileiro não ser um amigo pessoal de Miguel Enríquez (como Cruz era), mas em boa parte também devido à necessidade do momento que levava a insistir na mensagem política, quase todo o discurso proferido no funeral tratou de fazer propostas sobre as maneiras de proceder a seguir:

A partir del lunes abramos la discusión sobre todo esto, en asambleas, fábricas, fundos, poblaciones, liceos, universidades y Comandos Comunales. Desarrollemos las tareas de vigilancia, extendamos el paro a todo Chile, impulsemos la lucha directa de las masas, respondamos cada agresión patronal con una movilización aún más contundente.²⁰

A apropriação da imagem de Nilton e sua relação com as lutas desejadas pelo MIR, bem como a tarefa de aproximar militantes da UP em torno desse projeto, seguiria ocorrendo nos dias seguintes. Em 20 de junho de 1973, a quarta-feira que se seguiu ao enterro do brasileiro, e véspera de uma grande paralisação operária convocada em todo o Chile para se opor ao golpismo – em resposta à marcha opositora da sexta-feira 15 –, o

¹⁹ Enríquez. “Discurso en el funeral de Nilton Da Silva (17 de junio de 1973)”. In: Farías (2000, p. 4713).

²⁰ Enríquez. “Discurso en el funeral de Nilton Da Silva (17 de junio de 1973)”. In: Farías (2000, p. 4715).

exilado morto é outra vez mencionado, desta vez por Nelson Gutiérrez, dirigente que compunha a Comissão Política do MIR. Em um discurso emitido por rádio, Gutiérrez fala que a posição do movimento já havia sido anunciada num ato realizado pelo partido no dia 14, e reiterada nos funerais de Nilton da Silva, referido como um “camarada [...] caído en combate en la gloriosa jornada obrera de Santiago”.²¹ O pronunciamento dessa quarta-feira procurou alertar sobre o que o movimento denominava uma nova escalada do PDC e do PN contra os movimentos de trabalhadores, naquela que – segundo o MIR – seria a “ofensiva final” para esmagar o povo e derrubar o governo.

“Lo decisivo”, argumenta Nelson Gutiérrez nesse pronunciamento, “es cómo se articulará la respuesta de la clase obrera y el pueblo frente a esta situación”.²² Falando em nome do movimento, o dirigente mirista passa a expor as propostas de sua organização para aquilo que o povo e a esquerda deveriam fazer no sentido de evitar que setores reacionários resultassem vitoriosos nessa ofensiva. Gutiérrez reitera que a classe operária e o povo estão “cansados” e “desanimados” pelas “políticas defensivistas” levadas adiante pelo “reformismo” da Unidade Popular e do governo. Devia-se, com isso, superar os setores mais moderados da UP que insistiam num acordo fadado ao fracasso com a oposição, e atrair os grupos revolucionários presentes no governo para adotar o programa radicalizado que o MIR expunha: esse “Programa Revolucionario del Pueblo” incluía negar qualquer tentativa de conciliação com os partidos opositores ao governo, desenvolver uma aliança “correta” com as Forças Armadas de modo a neutralizar sua utilização pela direita, intensificar as expropriações de empresas e de terrenos agrícolas, e finalmente desenvolver o “poder real” através da criação e fortalecimento de “Comandos Comunales de Trabajadores” e “Consejos Comunales Campesinos”, que deveriam ser órgãos representativos e deliberativos, atuando como alternativas do povo às instituições políticas existentes, dominadas pelos “partidos burgueses”.²³

O brasileiro voltará a ser citado em 17 de julho, exatamente um mês após seu funeral, em um dos discursos mais famosos de Miguel Enríquez, proferido no Teatro

²¹ Gutiérrez. “Comisión Política del Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR): Discurso por radioemisoras (20 de junio de 1973)”. In: Farías (2000, p. 4716).

²² Gutiérrez. “Comisión Política del Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR): Discurso por radioemisoras (20 de junio de 1973)”. In: Farías (2000, p. 4718).

²³ Cf. Gutiérrez. “Comisión Política del Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR): Discurso por radioemisoras (20 de junio de 1973)”. In: Farías (2000, p. 4718-25).

Caupolicán de Santiago e retransmitido por rádios esquerdistas para todo o país. Nesta fala, o secretário-geral do MIR sustenta que a oposição a Allende tenta conquistar os “sectores más vacilantes de la izquierda, sembrando en ellos ilusiones en acuerdos posibles”.²⁴ O líder do mirismo reforça o “Programa Revolucionario” citado acima, que seus correligionários vinham divulgando, insistindo na necessidade de criar os comandos e conselhos populares, intensificar a ação direta e acelerar as expropriações e confiscos pelo Estado, mesmo que isso fosse contra a legislação existente – uma das bases da postura pregada por Salvador Allende e, dentro da UP, defendida principalmente pelo Partido Comunista. Enríquez nega o “extremismo” de suas propostas alegando que violar a legislação existente não é mais do que contrariar os interesses de classe de setores representados pelo PN e pelo PDC.²⁵

O discurso irradiado desde o Teatro Caupolicán procura recordar a necessidade de fechar a negociação com os partidos opositores, insistindo na lembrança dos atos de violência recentes, que incluíam a morte de Nilton, cuja menção foi saudada por um grito de “presente!” vindo da audiência – o brasileiro seguia sendo o mais recente militante de esquerda morto pelas mãos de grupos que buscavam a derrubada de Allende:

Fueron grupos armados del Partido Nacional con la venia del freísmo²⁶, los que hace quince días bombardearon la Moneda, asesinaron a Moisés Huentelaf en Cautín, al obrero [comunista Ricardo] Ahumada desde el local del Partido Demócrata Cristiano, son los que han puesto centenares de bombas en los últimos días, los que asesinaron a un general en 1970, los que ametrallaron a nuestro compañero Nilton da Silva en Santiago. Qué hipocresía y qué cinismo la de estos politicastro que denuncian y exigen la represión al pueblo para ocultar sus propios crímenes.²⁷

Mas, com um intervalo de exatamente um mês entre esse discurso e aquele proferido no funeral de Nilton da Silva, ficava explícito nas palavras de Miguel Enríquez que o plano de atrair setores importantes da esquerda em torno da tática apresentada pelo programa do MIR não vinha tendo resultados. Esta seria a grande dificuldade que se

²⁴ Enríquez. Discurso en el Teatro Caupolicán, 17 de julio de 1973. “Vivimos un momento histórico fundamental”. In: Naranjo *et al.* (2004, p. 264).

²⁵ Enríquez. Discurso en el Teatro Caupolicán, 17 de julio de 1973. “Vivimos un momento histórico fundamental”. In: Naranjo *et al.* (2004, p. 265).

²⁶ Referência ao setor do PDC que apoiava Eduardo Frei, presidente do Chile entre 1964 e 1970, cujo mandato antecedeu o de Allende.

²⁷ Enríquez. Discurso en el Teatro Caupolicán, 17 de julio de 1973. “Vivimos un momento histórico fundamental”. In: Naranjo *et al.* (2004, p. 264).

estendeu até o momento do golpe: apesar das aproximações evidentes com certas facções da UP, o MIR jamais alcançou a representatividade desejada – fosse no espaço público, fosse em termos de membros conquistados dentro da coalizão governista –, e nunca conseguiu concretizar a articulação que tanto buscou. Se a morte de Nilton expunha que boa parte das militâncias eram favoráveis a um acordo, o discurso de Enríquez um mês depois denota que essa intenção não foi adiante e que, no caso do Partido Comunista, nunca chegou a conquistar as lideranças. Mesmo com o flerte entre as várias esquerdas, a almejada organização conjunta de táticas e projetos jamais se efetivaria, dado que o radicalismo do MIR seguia batendo de frente não apenas com a política oficial do PCCh, mas também com o discurso público e legalista do próprio Salvador Allende.

De certo modo, tratava-se de uma admissão da enorme dificuldade de conseguir conciliar os discursos, de uma constatação do pequeno avanço que se havia realizado no sentido de uma concordância geral, que tanto o MIR tentava. Na encruzilhada da UP entre a radicalização e o diálogo com a oposição, este último setor, disposto a negociar com o PDC, mostraria mais força. Como os acontecimentos de 11 de setembro demonstrariam, aqueles a quem o MIR buscou atrair, valendo-se inclusive da morte de Nilton da Silva para promover tal ideia, acabariam optando por outro caminho: a maior parte da Unidade Popular permaneceria trabalhando por uma saída dentro da legalidade política e institucional, tática que acabaria também derrotada, enquanto o mirismo ficaria praticamente sozinho em seu projeto de resistência por meio da ação popular direta, tornando-se posteriormente uma das organizações de esquerda com maior proporção de vítimas durante a ditadura de Augusto Pinochet.

Referências bibliográficas

AGGIO, Alberto. **Democracia e socialismo**. A experiência chilena. São Paulo: Annablume, 2002.

ENRÍQUEZ, Miguel. Luciano: ¡Hasta la victoria siempre! **Revista Punto Final**, Santiago de Chile, n. 138, Documentos, p. 12-15, 31 ago. 1971.

FARÍAS, Víctor. **La Izquierda Chilena (1969-1973)**: documentos para el estudio de su línea estratégica. Santiago de Chile: Centro de Estudios Públicos, 2000.

LISBÔA, Susana Keniger. Anexo II – Rio Grande do Sul: Militantes Mortos e Desaparecidos. In: PADRÓS, Enrique Serra *et al.* (org.). **A Ditadura de Segurança**

Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória, vol. 2, Repressão e Resistência nos “Anos de Chumbo”. Porto Alegre: Corag, 2010, p. 267-301.

NARANJO, Pedro *et al.* (ed.). **Miguel Enríquez y el proyecto revolucionario en Chile**. Discursos y documentos del Movimiento de Izquierda Revolucionaria, MIR. Santiago de Chile: LOM, 2004.

SANTA CRUZ, Eduardo. El fascismo mató a combatiente brasileño. **Revista Punto Final**, Santiago de Chile, n. 187, p. 8-9, 3 jul. 1973.

SILVA, Nilton Rosa da. **Hombre América**. Poesía. Santiago de Chile: mimeo., 1972.

TORRES, Osvaldo. **Democracia y Lucha armada**. MIR y MLN-Tupamaros. Santiago de Chile: Pehuén, 2012.